

AS PALAVRAS, AS RELAÇÕES E A TRIDIMENSIONALIDADE DOS  
TEXTOS MEDIEVAIS. O EXEMPLO DO *LIBER VITAE* DE DURHAM  
(INGLATERRA ANGLO-SAXÔNICA, SÉCULOS VII-IX)

WORDS, RELATIONS AND THREE-DIMENSIONALITY OF MEDIEVAL  
TEXTS. THE EXAMPLE OF THE DURHAM *LIBER VITAE* (ANGLO-SAXON  
ENGLAND, VII-IX CENTURIES)

Renato Rodrigues Da Silva  
University of Leicester

---

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo demonstrar a necessidade de apreensão e crítica das fontes medievais para além da mera crítica discursiva (embora reconheça a necessidade desta). Apresentaremos como o aspecto material é vital para apreensão do papel social de uma fonte escrita, e o que a análise destas particularidades pode revelar sobre o seu contexto de produção e reprodução ao longo do tempo. Evidenciaremos, portanto, o aspecto dinâmico e histórico da escrita no contexto em análise. O artigo focará substancialmente no livro de confraria conhecido como o *Liber Vitae* de Durham, dedicando especial atenção ao que seria o núcleo original do manuscrito. Usaremos este exemplo para demonstrar como mesmo uma lista de nomes pode ser reveladora quanto às relações que ao mesmo tempo jazem e são reproduzidas pela própria.

**Palavras-chave:** Inglaterra Anglo-Saxônica, Crítica de Fontes Primárias, *Liber Vitae*

**Abstract:** The aim of this paper is to present the need to go beyond the simple discursive critic when analyzing medieval sources. The material aspect of the text is one key factor to understand the social role of a written source, and the analysis of these particularities might reveal very important evidence about the context of production and reproduction of the source over time. This highlights the dynamic and historical dimensions of the written sources in the context analyzed. The article will focus greatly on the confraternity book known as the Durham *Liber Vitae*, paying special attention to the original core of the manuscript. The *Liber Vitae* will be an example of how even a simple list of names can help us reveal the relations that lie and are reproduced by the source.

**Keywords:** Anglo-Saxon England, Primary Source Critic, *Liber Vitae*

---

Recebido em: 31/05/2015  
Aprovado em: 06/11/2015

## **Introdução**

A despeito do avanço vertiginoso das descobertas e das inovações metodológicas da arqueologia, os estudos medievais prosseguem se dedicando de maneira incisiva sobre fontes escritas.<sup>1</sup> O estudo de tais fontes é sempre proveitoso e necessário. Porém é necessário que o estudo do texto e dos discursos presentes no texto em si sejam acompanhados de um estudo sobre suas características de produção, circulação e consumo destes mesmos discursos. Da mesma forma, o suporte material sobre o qual estas palavras e discursos são registrados também devem ser considerados. E, naturalmente, ir além do que o próprio discurso informa. Para esclarecer as implicações de tais afirmações, iniciaremos este artigo apresentando algumas formas de expressão da palavra escrita em alguns tipos de fontes produzidas em um recorte específico: a Inglaterra Anglo-Saxônica entre os séculos VII e IX. A escolha pelo ‘Longo século VIII’, porém, não exclui a possibilidade de que este artigo venha a fomentar discussões e reflexões no âmbito de contextos diversos.<sup>2</sup>

### **1. Cartas (ou *Charters*)**

As cartas são uma forma de designação de fontes escritas que inclui documentos de naturezas diversas: diplomas, chancelarias, concessões de privilégios, testamentos etc. Em sua maioria, contudo, são documentos que formalizam e registram uma doação feita por um altíssimo aristocrata (geralmente o rei, mas eventualmente um bispo) a um outro aristocrata.<sup>3</sup> Estas doações são geralmente de lotes de terras camponesas, doadas por um rei para a fundação de um mosteiro ou simplesmente para ampliar os recursos de determinada circunscrição eclesiástica. O documento escrito começa com a o símbolo de uma cruz, e geralmente é explicitado que a doação se faz em benefício da alma do doador (ou doadora). A fórmula deste tipo de documento segue os seguintes passos/parâmetros: a) apresentação da pessoa doadora (acompanhada de seus títulos); b) a enumeração do(s) item(ns) a ser doados; c) a enumeração das testemunhas, eventualmente seguidas pelos seus títulos, com desenhos de cruzes seguindo ou antecedendo cada um dos nomes em suas respectivas linhas (figura 1).

---

<sup>1</sup> Para um compêndio que exemplifica os avanços dos debates teóricos e conceituais no âmbito da arqueologia, ver HODDER, Ian. *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Blackwell, 2012.

<sup>2</sup> Sobre a temática do ‘Longo século VIII’, ver HANSEN, Inge Lyse, WICKHAM, Chris. *The Long Eighth Century*. Production, Distribution and Demand. Leiden: Brill, 2000.

<sup>3</sup> Como exemplo de uma doação episcopal (Ceolredo, bispo de Leicester) a um rei (Brituolfo, rei da Mércia), ver a Carta 87 em WHITELOCK, Dorothy. *English Historical Documents*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1955, p. 480-1. Optamos por nos referir a esta compilação de fontes do período como EHD, como de praxe na tradição dos estudos Anglo-Saxônicos.

† EGO AETHILBALDUS DONANTE REX NON SOLAM ANTCERSIUM SED ET OMNIUM  
PROVINCIA RUM QUIAE GENERALE NOCINE SATANGLI DICANTUR PROREMEDIO  
ANIMAE MEAE ET RELAXATIONE PIALCULORUM COBORUM ALIQUAM TERRAE PAR  
TICULAM IDEST X. CASSATORUM AGENERANDO COMITATEO CYNIBERHTTE.  
ADCONSTRUENDUM COENABIAM IN PROVINCIA CUI AB ANTIQUIS NOMEIN IN  
DITUM EST HUS MERAE. IUXTA FLUVIUM VOCABULO STAR. CUM OMNIBUS NE  
CESSARIIS AD EAM PERTINENTIB. CUM CAMPIS SILVISQ. CAMPIS CARIS PIRATISQ.  
IN POSSESSIONEM ECCLESIASTICAM BENIGNE LARGIENDO TRADO. ITA UT QUI  
DIA VIXERIT PETESTATEM HABEAT. IN VINDIAC POSSIDENDI CUI CUMQ. VOLUERIT  
VELEO ANNO VEL CERTO POST OBITUUM SUUM RELINQUENDI. EST AMEON SUPRA  
DICTAS ACER INCIRCUMPTO EXATRAQ. PARTIB. SUPRA NOMINATI PLACONIS  
HABENS EX AQUILONE PLACASILVAM QUAM NOMINANT CYNIBRE. EX OCCI  
DENTALE AERO ALIAM CUI NOMEIN EST. MOERHEB. QUANTUM PARTIS MAXIMA  
AD PRAEFATUM PERTINET AGRAM. SI QUIS AMEON HANC DONATIONEM ANNO  
LARE TEMPTAVERIT SCIAT SE INTREANDO EXAGINE TYRANNIDIS AC  
PRESUMPTIONIS SUAE DO RATIONEM TERRIBILITER REDDITURUM.  
SCRIPTA EST HAEC CARTULA ANNO AB INCARNATIONE DNI NIIH XPI SEPTIN  
CENTISSIMO TRICESIMO. VI INDICTIONE QUARTA.

† EGO AETHILBALDUS REX BRITANNIE PROPRIAM DONATIONE CONFIRM  
† EGO HUOR EPISCOPUS CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO ANILFRIDUS EPISC. IUBENTE AETHILBALDO REGE SUBSCRIPSI.  
† EGO AETHILRICUS SUBREGULUS ATQ. COMES GLORIOSISSIMI PRINCIPIS AETHILBAL  
HAEC DONATIONE CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO IBEACSI INDIGNUS ABBAS CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO HEMDREHT FIRITER ATQ. DUX PROPRII REGIS CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO EBELLA CONSENSUO MEUM AC COMODANS SUBSCRIPSI.  
† EGO ONOC COMES SUBSCRIPSI.  
† EGO OBA CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO SIGIBED CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO BERCOL CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO ELDARFT CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO CUSA CONSENSI ET SUBSCRIPSI.  
† EGO PEDE CONSENSI ET SUBSCRIPSI.

Figura 1 - Carta de Doação de Etelbado, rei da Mércia, para o nobre Cineberto (736). CAMPBELL, James, JOHN, Eric, WORMALD, Patrick. *The Anglo-Saxons*. Londres: Penguin, 1991, p. 96.

Estas cartas foram reproduzidas ao longo de todo o período medieval e moderno, e muitas das que chegaram aos nossos dias são na verdade forjadas posteriormente<sup>4</sup> podem

também conter elementos diversos, e mesmo não se tratar especificamente de uma doação propriamente dita, fazendo as vezes de escritura. Uma das cartas sobreviventes (e autênticas) do século VIII revela uma troca entre Etelbaldo, rei da Mércia, e a Igreja de Worcester (em 716-717). Esta carta registra esta transação especificando que os lotes trocados devem servir à produção de sal para a região, incluindo a previsão da construção de fornalhas.<sup>5</sup>

A datação da introdução destas cartas na ilha, contudo, é parte de um debate. Uma corrente defende que estas foram introduzidas por Agostinho quando este iniciou o projeto de evangelização da Inglaterra (em c. 597), apoiando-se em argumentos defendidos por Pierre Chaplais.<sup>6</sup> Outra corrente, por sua vez, defende que esta inovação teria sido trazida do oriente por Teodoro de Tarso (arcebispo da Cantuária no período 668-690), e que teria sido uma das inovações que sua ‘reforma’ na Igreja da Inglaterra teria solidificado. Outra linha de pensamento atribui esta inovação a um período intermediário, posterior a Agostinho e anterior a Teodoro.<sup>7</sup>

A discussão acerca da datação precisa das cartas, individualmente ou enquanto grupos, é extensa e exigiria um aprofundamento que escaparia ao objetivo deste artigo. Contudo, há elementos nas próprias que são fundamentais para um entendimento mais preciso e complexo do que representam estas fontes.

Um dos primeiros elementos a evidenciar é que o contexto que produziu estes documentos (principalmente os primeiros e originais) é de uma sociedade que foi classificada por Sarah Foot como em processo de letramento (*transitionally-literate society*).<sup>8</sup> Desta forma, a sociedade em questão ainda tem preservado em seus ritos e suas práticas o peso enorme e fundamental da oralidade, ao qual a escrita começa a progressivamente ser somada. Desta maneira, a autora, influenciada pela teoria da performance, sublinha a necessidade de pensar que a introdução deste novo dispositivo e recurso se dá a partir do registro de um determinado ritual que se expressou em um determinado contexto.<sup>9</sup> As cruces presentes nos textos, por

---

<sup>5</sup> Carta 64 em EHD, p. 449-450.

<sup>6</sup> STEVENSON, W.H. Trinoda Necessitas, *English Historical Review*, n. 29, 1914, p. 701; CHAPLAIS, Pierre, Who introduced charters into England? The case for Augustine, *Journal of the Society of Archivists*, v.3, n. 10, 1969; THOMPSON, Susan. *Anglo-Saxon Royal Diplomas: a Palaeography*. Woodbridge: Boydell, 2006.

<sup>7</sup> WORMALD, Patric. Bede and the Conversion of England. In: WORMALD, Patric, BAXTER, Stephen (eds.). *The Times of Bede: Studies in Early English Christian Society and its Historian*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 14.

<sup>8</sup> FOOT, Sara. Reading Anglo-Saxon Charters: Memory, Record or Story?. In TYLER, M., BALZARETTI, Ross (eds.). *Narrative and History in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 41.

<sup>9</sup> Sobre teoria da performance, ver BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*. On the Discursive Limits of Sex. London: Routledge, 1993; BUTLER, Judith. Performative Agency, *Journal of Cultural Economy*, n. 3, v. 2, 2010, p. 147-161. Para exemplos do uso da teoria da performance (relacionadas a gênero) no contexto medieval,

exemplo, seriam a forma inscrita em pergaminho de um gestual que representaria a inserção do elemento sagrado diante das demais pessoas que participam do ritual. Da mesma forma, a lista de testemunhas registra as pessoas presentes (ou parte delas) e sua anuência com as transações efetuadas, assim como sua inserção nos rituais que a acompanha.

Outro elemento fundamental na inserção da escrita nesta prática é seu papel na produção e reprodução da memória social. Segundo Foot, é este suporte escrito que permite que esta prática, registrada, possa ser reproduzida ao longo do tempo. Ao estabelecer fronteiras das posses doadas e registrar perpetuamente a doação e os vínculos de Dom e Contra-Dom que estes encerram, a palavra escrita registra o presente, organiza o passado e estabelece (ou tenta estabelecer) pegadas para serem percorridas no futuro. É uma tentativa de dobrar e amarrar tempo, espaço e as relações contidas neles, reproduzindo a aristocracia *in perpetuum*.<sup>10</sup>

Conforme já apresentado, muitas destas cartas foram reproduzidas, forjadas, e algumas foram utilizadas em conflitos sobre posses de determinadas regiões.<sup>11</sup> Então, como suporte de memória social, é correto pensar que o próprio suporte material e as palavras contidas no mesmo são também uma última testemunha, “silenciosa”. Sua voz, contudo, passa a ser mais valiosa conforme se distancia no tempo de sua origem, justamente por representar e testemunhar algo já encerrado e irreproduzível.

Sob o risco de incorrer em didatismo extremo, esse tipo de documento e a escrita são como fotografias e filmagens de um determinado ritual (este mais importante que o registro escrito em si), e evidências, janelas a partir das quais é possível se debruçar para observar uma fatia da realidade social daquele contexto.

## 2. Crônicas

O gênero cronístico foi altamente popular durante a Idade Média. Na Inglaterra, o mais famoso exemplo é o da Crônica Anglo-Saxã (doravante, CAS). Porém, esta não foi a única produção do período anglo-saxão deste tipo. É provável que a primeira experiência que envolvesse esse tipo de registro cronográfico fossem as tabelas pascoais

---

ver SALIH, Maha Sarah. The Trouble with 'Female Sexuality', *Different Visions*, n. 5, 2014; SALIH, Maha Sarah. Queering *Sponsalia Christi*: Virginity, Gender and Desire in the Early Middle English Anchoritic Texts, *New Medieval Literatures*, v. 5, 2002, p. 155-76.

<sup>10</sup> FOOT, Sara. Reading Anglo-Saxon Charters: Memory, Record or Story?. In TYLER, M., BALZARETTI, Ross (eds.). *Narrative and History in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 41.

<sup>11</sup> THOMPSON, Susan. *Anglo-Saxon Royal Diplomas: a Palaeography*. Woodbridge: Boydell, 2006.

(*Easter Tables*).<sup>12</sup> Conforme o nome evidencia, estas seriam tabelas que serviriam para que os clérigos calculassem a data correta da Páscoa. Porém, com o tempo passaram a ser inseridas nestas tabelas notas sobre eventos históricos que teriam acontecido naqueles anos. A princípio, os eventos registrados destas formas não eram os contemporâneos, mas já passados; seu registro servia mais para ajudar no cálculo do calendário (e lhe garantir confiabilidade) do que propriamente no registro histórico.<sup>13</sup>

Para Beda (c. 673-735), um dos principais autores do período anglo-saxão, a determinação da data da Páscoa era uma questão fundamental. Além da importância religiosa da data, houve também disputa religiosa e política ao redor desta, uma vez que o cristianismo de origem romana defendia um cálculo e uma data para esta celebração, e o do tipo irlandês (ou celta) defendia outra forma. Esta questão é de tamanha importância que o Sínodo de Whitby, no qual esta questão foi decidida (em favor do modelo romano) é referida como o pináculo da História Eclesiástica de Beda – sua grande narrativa das origens dos Anglo – Saxões até seu período de vida.<sup>14</sup> A influência e importância deste tipo de ‘cronificação’ do tempo pode ser vista, por exemplo, na recapitulação de sua História Eclesiástica (*recapitulatio tulatio chronica totius operis*), no livro V, Capítulo 24.<sup>15</sup> Neste capítulo, Beda reproduz a estrutura anuária que será seguida posteriores por outros tipos de crônica, inserindo o ano e o fato ocorrido ao seu lado (Figura 2).

Os registros históricos de Beda se tornam requisitados, na ilha e no continente (ainda em vida). Sua narrativa e estilística tornam-se elementos de autoridade e seu trabalho de cômputo e registro dos eventos históricos são vistos como importantíssimos, e sua continuação (para além da vida do mesmo), necessária.<sup>16</sup> Em oito versões da História Eclesiástica, ao fim dos anais do livro V, capítulo 24, há uma continuação do registro dos eventos, conhecida como ‘a continuação de Beda’ (*Continuatio Bedae*). Estes

---

<sup>12</sup> DUMVILLE, David. What is a chronicle?, In: KOOPER, E. (ed.) *The Medieval Chronicle II*. Amsterdam: Rodopi, 2002, p. 1-27, p. 7; MCCORMICK, M. *Les Annales du haut Moyen Âge*, Typologie des sources du Moyen âge occidental. Turnhout: Brepols, 1975, n. 21.

<sup>13</sup> STORY, Joanna. The Frankish Annals of Lindisfarne and Kent, *Anglo-Saxon England*, vol. 34, 2005, p. 59.

<sup>14</sup> GRANSDEN, A. *Historical Writing in England – c.500-to c.1037*. Londres: Routledge, 1974, p. 19.

<sup>15</sup> BEDA, *Historia ecclesiastica gentis anglorum*, COLGRAVE, Bertrand and MYNORS, R. A. B. (ed. e trad.). Oxford: Oxford Medieval Texts, 1969. Como esta é a tradução e a edição a partir da qual a História Eclesiástica de Beda será referenciada, doravante nos referiremos a ela apenas como BEDA, H.E. O número do livro será referenciado como numeral romano e o dos capítulos, em arábicos.

<sup>16</sup> DARBY, Peter. *Bede and the End of Time*. Leicester: Leicester University Press, 2012; STORY, Joanna. *Carolingian Connections – Anglo-Saxon England and Carolingian Francia, c. 750-870*. Aldershot: Ashgate, 2003; WALLIS, Faith. *Bede, The Reckoning of Time*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

terminam em 766, e abordam questões exclusivamente relacionadas à Nortúmbria (reino no qual se encontra o mosteiro em que estas narrativas foram produzidas), o que levou Colgrave e Mynors a apontarem que provavelmente o escopo do interesse do patrono responsável por tais narrativas tenha diminuído.<sup>17</sup>

Se inicialmente este gênero se preocupava em registrar elementos naturais e cósmicos (eclipses, secas, chuvas), eles também passam a registrar e conter narrativas mais abrangentes e longas. De fato, podemos perceber estas crônicas como um suporte de memória que congrega diversos gêneros dentro de si. Tanto a Crônica Anglo-Saxã quanto a História dos Reis (*Historia Regum*) atribuída a Simeão de Durham seguem esta linha de cobertura.



---

<sup>17</sup> COLGRAVE, B, MYNORS, R. A. B., (trad. e ed.) *Bede's Ecclesiastical History of the English People*, Oxford: Clarendon Press, 1969 [1992], p. lxxviii-lxix.

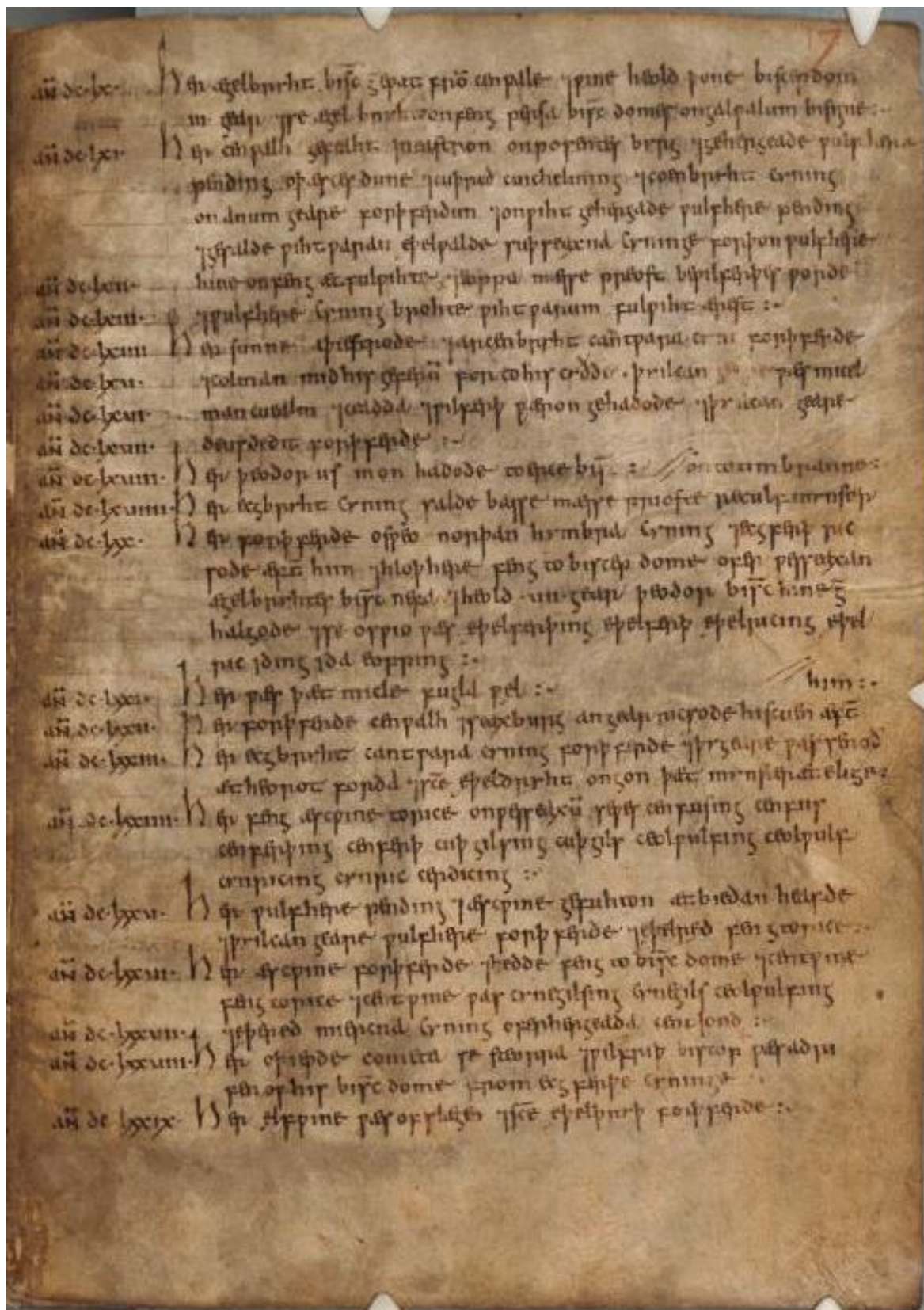


Figura 2 - Um exemplo da estrutura anuária e dos relatos presentes ano a ano. Crônica Anglo-Saxã, Manuscrito "Parker A", fol. 18r. Retirado do site *Parker on the Web*, em [http://parkerweb.stanford.edu/parker/actions/thumbnail\\_view.do?size=basic&ms\\_no=173&page=8R](http://parkerweb.stanford.edu/parker/actions/thumbnail_view.do?size=basic&ms_no=173&page=8R)



Um dos exemplos de fatias de memória social preservadas na CAS são as genealogias régias. A versão contida no manuscrito A possui uma lista na entrada do ano 560. Segundo a tradução de Whitelock:

Neste ano Ceawlin ascendeu ao reino de Wessex, e ao reino dos Nortúmbrios, e o manteve por 30 anos. Aelle foi o filho de Yffe, o filho de Uscfrea, o filho de Wilgils, o filho de Westerfalca, o filho de Safugel, o filho de Saebald, o filho de Sigegat, o filho de Swefdaeg, o filho de Sigegar, o filho de Waegdaeg, o filho de Woden.<sup>18</sup>

A ligação com Woden é comum entre as genealogias anglo-saxãs, um antepassado mítico que seria um líder guerreiro, que é registrado como tal inclusive pela pena de Beda.<sup>19</sup> Até o século IX, em uma coleção conhecida como Coleção Angla (*Anglo Collection*) estas genealogias ligadas a Woden são produzidas (a exceção é a genealogia de Essex).<sup>20</sup> A contínua menção a genealogias que remontam a reis pagãos em tempos cristãos é evidência de como a tradição oral manteve-se forte – e é a própria fonte das fontes escritas. As listas de reis que Beda reproduz são as mesmas que os autores da *Historia Regum* até 729.<sup>21</sup> A oralidade não apenas é parte e influência inescapável das narrativas, como também fonte das mesmas.<sup>22</sup> Em outras palavras, a produção de outros tipos de narrativas e formas de expressar o conhecimento histórico (como a História Eclesiástica de Beda, as hagiografias, etc.) não anularam as formas anteriores, mas se relacionaram, influenciaram e se interligaram.

Outra forma de narrativa que foi integrada à CAS, por exemplo, foram estórias que muito provavelmente tem sua origem em apresentações de bardos, possivelmente ao recitar poemas. Um exemplo disto é a narrativa da entrada 757 (755 nos manuscritos D e

<sup>18</sup> EHD, p. 156. O original: *Her Ceawlin feng to rice on Wesseaxum Elle feng to Norþanhymbra [rice heold .xxx. wintra. Aelle waes Yffing, Yffe Ucsfreaing, Uscfrea Wilgising, Wilgis Westerfalcning, Westerfalcna Saefugling, Saefugl Saebalding, Saebald Sigegeating, Sigegeat Swaefdaeging, Swafdaeg Sigegearing, Sigegeat Waegdaeing, Waegdaeg Wodening, Woden Friþowulfing] [rice, Idan forþgefarenum, heora aegþer rixade .xxx. wintra.]* BATELY, J. (ed.). *The Anglo-Saxon Chronicle*, MS.A. A Collaborative Edition 5. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 23.

<sup>19</sup> BEDA, HE, I, 15. p. 50-1.

<sup>20</sup> SISAM, K. Anglo-Saxon Royal Genealogies, *Proceedings of the British Academy*, XXXIX, 1953, p. 326; D. DUMVILLE, David. The Anglian collection of royal genealogies and regnal lists, *Anglo-Saxon England*, n. 5, 1976, p. 23-4. Os manuscritos desta coleção são V (British Library, Cotton MS. Vespasian B vi. Fols. 104-9, the 'Genealogy of the Kings of Mercia'), C (Corpus Christi College, Cambridge, CCCC 183), T (British Library, Cotton MS. Tiberius B v., vol. 1, fols. 2-73 e 77-88, e Cotton MS. Nero D ii., fols 238-241) e R (Rochester, Cathedral Library, A. 3.5, 'Textus Roffensis'). Sobre as discussões a respeito das genealogies de Wessex, DAVIS, C. Cultural Assimilation in the Anglo-Saxon Royal Genealogies, *Anglo-Saxon England*, n. 21, 1992, p.23-36.

<sup>21</sup> BLAIR, Peter H. The Moore Memoranda on Northumbrian History. In: FOX, Cyril, DICKINS, B. (eds) *Early Cultures of North West Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1950, p. 243-259.

<sup>22</sup> HIGHAM, N. J. *Beda as an oral historian*. Jarrow: Jarrow Lecture, 2011, p. 16.

E). Esta passagem contém a história do rei Cynewulf, que fora visitar sua concubina (*mistress* na versão adaptada ao inglês moderno, ou *wifcyðbe* no Manuscrito D e *wifcyððan* no Manuscrito E, em *Old English*). Ao ouvir que Cynewulf estava em tal situação, o nobre com pretensões ao trono chamado Cyneheard vai até o local com seus homens, adentra o cômodo em que o rei se encontrava e o mata. A *entourage* do rei ouve os gritos, correm até o local, e Cyneheard os oferece ‘riqueza e vida’, caso passassem ao lado do regicida. Eles negam e morrem lutando. A vingança é efetuada no dia seguinte, pelos nobres Osric e Wigfrith, que permanecem leais ao rei assassinado.<sup>23</sup>

Os temas que permeiam este registro (lealdade ao rei, *ethos* guerreiro, incorruptibilidade, punição aos que infringem este *ethos*, etc.) são comuns a outras narrativas mais famosas, como Beowulf, por exemplo. Para o nosso presente artigo, cabe evidenciar o quanto estes registros estão permeados pela oralidade e por esta transição e transposição do ritual e da performance para seu registro através da palavra escrita. Os indícios e evidências nos apontam para as crônicas como coletores de registros, de forma altamente seletiva. Embora trate-se de matéria especulativa, não seria de todo descabido imaginar estas crônicas como sendo utilizadas para reproduzir estas narrativas, sendo lidas em voz alta e sendo elas também parte de uma performance. Mas infelizmente não há evidências suficientes para testar esta hipótese.

O próximo gênero a ser apresentado, contudo é significativamente mais tácito e econômico nas palavras. E exatamente pela sua complexidade que será abordado de forma mais extensiva e aprofundada.

### **3. O *Liber Vitae* de Durham (ou DLV)**

O DLV é um manuscrito originalmente produzido no século IX na Nortúmbria. Hoje pode ser encontrado catalogado como London, British Library, Cotton Domitian A.vii.<sup>24</sup> Ele pertence a um tipo de fonte chamados de *libri vitae* (ou “livros da vida”), também chamados de Livros de Confraria. Em um resumo (excessivamente) simples, trata-se de uma lista de nomes (figura 3). Os nomes registrados representam os benfeitores ou patronos da comunidade à qual o livro é vinculado, ou nomes com os quais aquela

---

<sup>23</sup> EHD, p. 162-3.

<sup>24</sup> A *British Library* disponibiliza gratuitamente uma versão do manuscrito, podendo ser acessado por este endereço: [http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton\\_MS\\_Domitian\\_A\\_VII](http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Domitian_A_VII). Todas as imagens relativas ao DLV foram capturadas no mesmo endereço.

determinada comunidade quer ser associada. O DLV contém em seus registros mais de onze mil nomes. Destes, 3151 foram inseridos pelo escriba do nono século, e os demais foram adicionados posteriormente. Estes nomes estão agrupados em diversas seções, cada uma indicando o status ao qual aquele grupo de pessoas pertence. No que tange ao núcleo original (a parte mais antiga do manuscrito, datada do século IX) os grupos presentes são (na ordem em que são apresentados): 1) reis ou duques; 2) rainhas e abadessas; 3) anacoretas; 4) abades; 5) abades graduados como presbítero; 6) abades graduados como diáconos; 7) presbíteros; 8) diáconos; 9) clérigos; 10) monges.<sup>25</sup>

A escolha pelo DLV se dá em dois sentidos. O primeiro é investir em demonstrar como uma fonte escrita aparentemente simples possui muito a revelar sobre as relações sociais do seu contexto determinado. O segundo é tentar dar visibilidade a uma fonte que se encontra subutilizada e subanalisada. A primeira versão fac-similar (porém incompleta) deste documento foi publicada em 1923.<sup>26</sup> Apenas em 2007 uma versão fac-similar completa foi publicada, com comentários e estudos prosopográficos e linguísticos.<sup>27</sup> A historiografia que o abordou consiste em apenas dois trabalhos de fôlego nos anos 80; o primeiro livro dedicado a abordá-lo mais profundamente, em 2004.<sup>28</sup> A maior parte das discussões, contudo, apostam na identificação das pessoas citadas no livro, ou do porquê de listas de nomes estarem sendo copiadas no século IX. Contudo, a abordagem que será adotada é como um livro deste tipo pode nos ajudar a entender relações e hierarquias sociais presentes nele.

A ordem na qual as listas estão dispostas no manuscrito já é por si só um sistema de classificação. Ela contém pessoas que queriam ser lembradas em conjunto com aquelas de *status* similar. Da mesma forma, ela apresenta tanto nomes de pessoas Nortúmbrias como de pessoas de outras regiões e reinos, e algumas delas sabemos que

---

<sup>25</sup> 1) *Nomina regum vel ducum*, fol. 15r-v; 2) *Nomina reginarum et abbatissarum*, fol. 16r-17v; 3) *Nomina anchoritarum*, Fol. 18r; 4) *Nomina abbatum*, Fol. 20r-21r; 5) *Nomina abbatum gradus p(raes)b(yte)ratus*, Fol. 18v-19r.; 6) *Nomina abbatum gradus diaconatus*, Fol. 19v; 7) *Nomina praesbyteror(um)*, Fol. 21v-25v; 8) *Nomina diaconorum*, Fol.26r-v; 9) *Nomina clericorum*, Fol. 27r-36v; 10) *Nomina monachorum*, Fol. 37r-45r.

<sup>26</sup> THOMPSON, H. (facs. ed). *Liber Vitae Ecclesiae Dunelmensis*: A collotype facsimile of the original manuscript, with introductory essays and notes. v. I, Publications of the Surtees Society, CXXXVI. Durham, 1923.

<sup>27</sup> ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae*: London, British Library, MS Cotton Domitian A. VII: edition and digital facsimile with introduction, codicological, prosopographical and linguistic commentary, and indexes. 3 v. London: British Library, 2007.

<sup>28</sup> BRIGGS, Elizabeth. *Religion, society and politics, and the Liber Vitae of Durham*. Leeds, 1987, também disponível em <[http://etheses.whiterose.ac.uk/416/1/uk\\_bl\\_ethos\\_379375\\_vol1.pdf](http://etheses.whiterose.ac.uk/416/1/uk_bl_ethos_379375_vol1.pdf)>. GERCHOW, Jan. *Der Gedenküberlieferung der Angelsachsen, mit einem Katalog der Libri Vitae und der Necrologien*. Berlin: Gruyter, 1988; ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004.

nunca sequer pisaram nesta região. Desta forma, esta lista também pode ser útil para que entendamos as conexões e redes estabelecidas pela aristocracia da Nortúmbria. Reais ou imaginárias, estas articulações são importantíssimas para a compreensão desta nobreza. Destas articulações emerge um senso de uma comunidade (estratificada segundo seus próprios termos). Como o DLV era utilizado nas práticas litúrgicas quotidianas, não apenas as pessoas nomeadas nele, mas também as divisões e o ranqueamento presentes nele estão dispostas de forma a registrá-las e enrijecê-las no caminho para a eternidade. O “Livro da Vida” é também uma passagem para “Vida Eterna”, e uma testemunha de como esta passagem poderia ser facilitada para a elite do período.



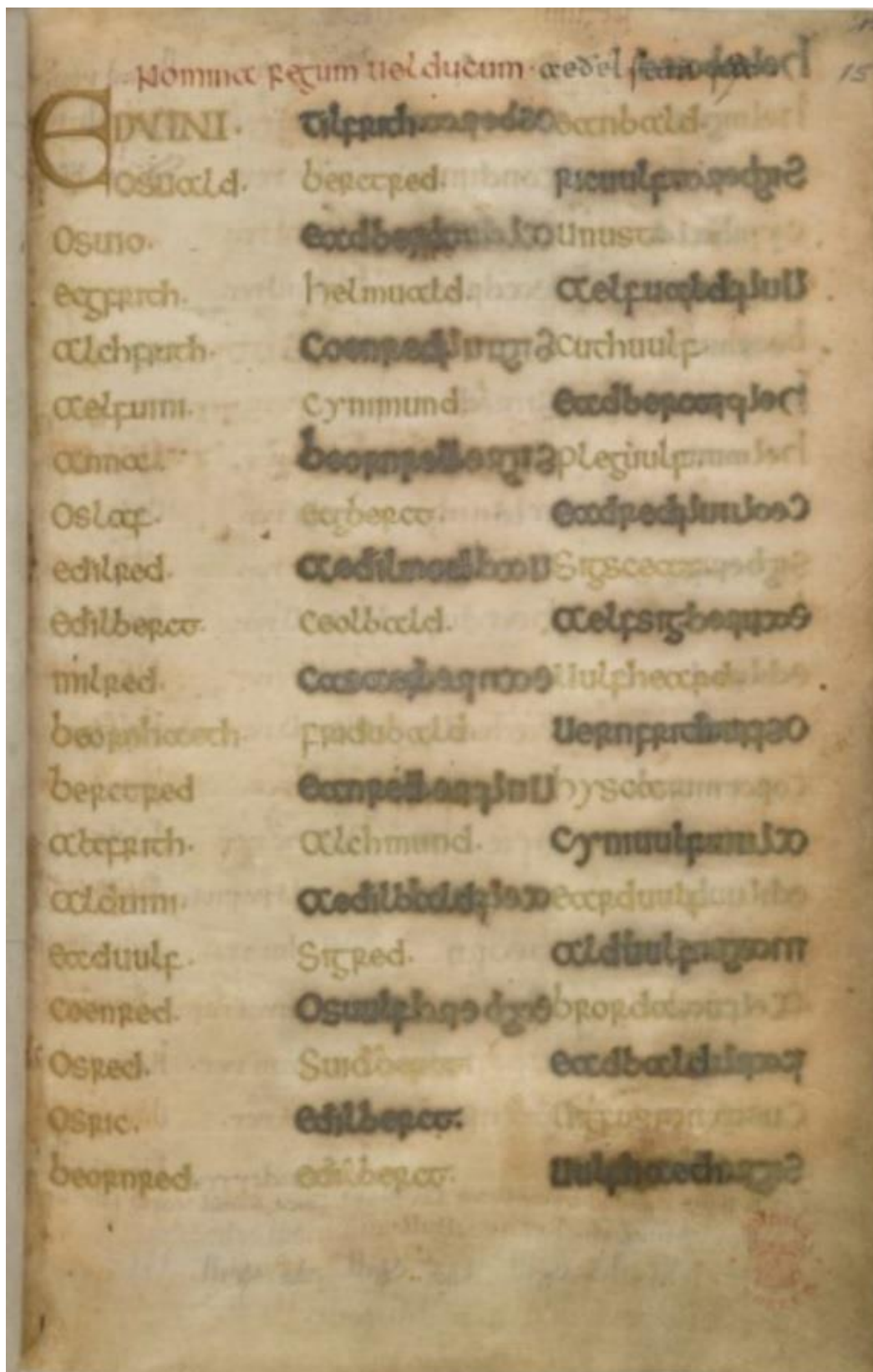


Figura 3 - DLV, London, British Library, Cotton Domitian A.vii, Fol. 15r. Os nomes dourados foram escritos em ouro; os demais em prata; as adições posteriores não são feitas em metais preciosos.

Disponível em: [http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton\\_ms\\_domitian\\_a\\_vii\\_fs001r](http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_domitian_a_vii_fs001r)

### 3.1 A Origem do DLV (Produção e Datação)

Uma tradição datada do século XVI de Durham afirma que o DLV engloba “todos os nomes dos patronos da Igreja de São Cuthberto, desde a sua fundação original”<sup>29</sup>. Esta tradição conecta, portanto, a origem do DLV com a do mosteiro de Lindisfarne, onde o Santo teria permanecido enterrado até 875. Contudo, a realidade parece ser mais complexa.

Há duas correntes de pensamento sobre a origem do manuscrito, uma identificando sua produção no mosteiro duplo de Wearmouth-Jarrow e outra em Lindisfarne. A corrente que identifica sua origem em Lindisfarne é liderada por Elizabeth Briggs, e os motivos para esta identificação são: a) os nomes da casa real da Bernícia, fundadores e patronos da abadia de Lindisfarne, estão em lugar de proeminência (Oswiu 15r1 (3), *Ecgrith, Alhfrith and Ælfwine* fol. 15r1 (4-6)); b) a tradição eremítica e asceta de Lindisfarne explicaria a presença dos nomes dos anacoretas (*Nomina Anchoritarum*), o único registro do tipo em todos os *libri vitae* que são conhecidos hoje. Além disso, a maior parte dos nomes ali presentes podem ser identificados com Lindisfarne;<sup>30</sup> c) o lugar de destaque e prestígio no qual está inserido o nome de Aethelstan (895-939), no topo do primeiro fólio (15r), próximo ao título *Nomina regum uel ducum*. Aethelstan ofertou presentes ao santuário de São Cuthberto em 934 (mas este já havia sido deslocado para Chester-le-Street).<sup>31</sup>

A corrente que identifica sua produção em Wearmouth-Jarrow tem como principais expoentes David Dumville e Jan Gerchow.<sup>32</sup> Seus argumentos são: a) poucos nomes foram adicionados entre sua criação e sua retomada no século XI, o que seria evidência de interrupção de uso (e caso tivesse sido produzido em Lindisfarne, haveria de ter seu uso continuado); b) os abades de Wearmouth-Jarrow são melhor registrados no livro que os de Lindisfarne.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> ROLLASON, David. History and Codicology. In: ROLLASONS, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, v. I, p. 31.

<sup>30</sup> BRIGGS, Elizabeth. Nothing but Names: The Original Core of the Durham Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, p. 67.

<sup>31</sup> *Historia Regum, s.a.* 934; BRIGGS, Elizabeth, op. cit., p. 63.

<sup>32</sup> DUMVILLE, David. *A palaeographer's Review: The Insular System of Scripts in the Early Middle Ages*, v. 1. Osaka: Kansai University Press, 1999, p. 64-80; GERCHOW, Jan. The origins of the Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, p. 45-61.

<sup>33</sup> 87.5% dos abades de Wearmouth-Jarrow são nomeados, contra 68.75% dos de Lindisfarne. *Ibid.*, p. 55-56.

Os editores da recente edição fac-similar do livro (em especial Lynda Rollason) concordam em alocar a origem do livro em algum *scriptorium* de Lindisfarne.<sup>34</sup> O contexto para a produção do livro, segundo Rollason, seria o traslado da comunidade de Lindisfarne, que teria sido assentada em Norham durante o pontificado de Ecred (830-845).<sup>35</sup> Neste traslado, o livro seria uma dentre várias relíquias do passado, ao mesmo tempo uma testemunha e um elemento ativo da identidade, continuidade, legitimidade e da história da comunidade (e dos seus patronos).<sup>36</sup> A explicação de Rollason, além de mais razoável e completa, também oferece ao mesmo tempo explicação sobre as características de produção do livro assim como dos motivos pelos quais ele foi mantido (e ampliado). De qualquer forma, o debate não está encerrado e ambos os lados possuem argumentos convincentes. Na verdade, o fato dele poder ter sido produzido em ambos os mosteiros (ou talvez em algum outro) demonstra a ininterrupta atividade intelectual da Nortúmbria no período, assim como uma produção e aquisição de recursos capazes de produzir um artigo de luxo como o DLV.

É altamente provável que o DLV na verdade seja na verdade uma compilação de mais de uma lista de comemoração anterior (tal qual as crônicas). Lindisfarne é conhecido por ter um livro de registro destes, chamado em latim de *album*. Quando Beda envia sua versão da hagiografia de São Cuthberto a Lindisfarne, ele pede para que seu nome seja incluído nesta lista.<sup>37</sup> Além da indicação de Beda, há indicações no próprio DLV sobre estas versões anteriores: nomes que têm sua versão arcaica mantida no livro; a mesma mão (ou seja, um mesmo escriba) escreve nomes que são repetidos (mas de pessoas diferentes) da forma arcaica e mais contemporânea.<sup>38</sup> Por exemplo, Aethelbad é escrito *Aeðilbald*, *Ethilbald*, and *Eðilbald*; Alberht é apresentado como *Aelberct*, *Albercht* and *Alberct*; Eostorwine figura como *Aeostoruni*, *Aesturuini* and *Eosturuini*; e Heathured aparece como *Hadured*, *Haðured*, *Headured* and *Headured*. Desta forma, o caráter historicizante e de inserção do livro e dos nomes presentes em uma longa tradição são mantidos a partir dos arcaísmos presentes, que são testemunhas da mudança dentro da permanência que advogam: mesmo com a comunidade tendo mudado de lugar, ela ainda é a mesma.

---

<sup>34</sup> ROLLASON David. History and Codicology. In: ROLLASONS, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, v. 1, p. 33.

<sup>35</sup> BRIGGS, Elizabeth. Nothing but Names: The Original Core of the Durham Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 63.

<sup>36</sup> ROLLASON David. op. cit., p. 33.

<sup>37</sup> BEDA, *Vita Cuthiberti*, prefácio, COLGRAVE, Bertand (ed.). *Two Lives of Saint Cuthbert: A Life by an Anonymous Monk of Lindisfarne and Bede's Prose Life*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

<sup>38</sup> BRIGGS, Elizabeth. op. cit., p. 66.

Localizar a produção do DLV no espaço pode ser alvo de debate, mas sua localização temporal é consideravelmente mais fácil. A data comumente aceita é a de c. 840, em função dos dois últimos nomes copiados no “núcleo original”. Os nomes “Uoenan” (fol. 15v1 (40)) e “Eanred” (fol. 15v1 (41)) fecham a lista de nomes de reis e duques (figura 4). Eanred é provavelmente Eanred, rei da Nortúmbria (810-c. 843) e “Uoenan” seria uma forma anglicizada de Éogánan, rei dos Pictos e de Dál Riada (c. 837-9).<sup>39</sup> É provável também que os dois últimos nomes estejam escritos em ouro para recuperar o padrão da primeira fileira, em que todos estavam escritos em ouro (figura 3). Elizabeth Briggs defende que um dos motivos para a quebra do padrão também poderia ter sido a aliança entre estes reis ou uma doação conjunta para a comunidade.<sup>40</sup>

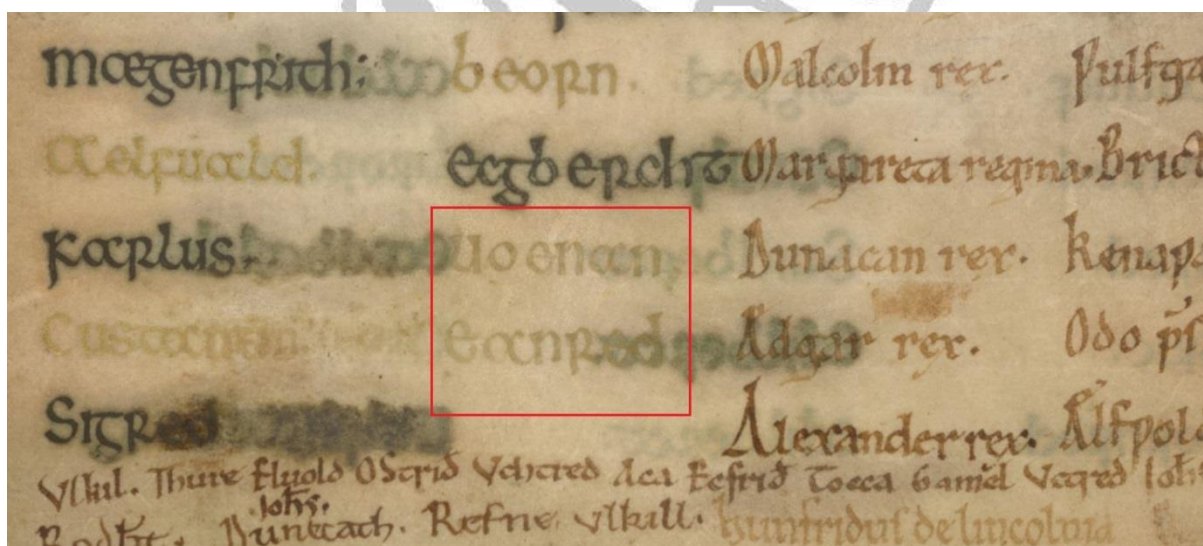


Figura 4 - Os últimos nomes da seção dedicada aos reis e duques do núcleo original. O destaque em vermelho não pertence ao original, sendo apenas recursos didático.

A doação ou patrocínio por parte de potentados leigos são fundamentais tanto para a datação quanto para a produção do próprio livro. O lugar de destaque do nome de Aethelstan, no primeiro fólio é um dos grandes índices que o livro teria sido produzido sob suas doações (figura 5).

<sup>39</sup> BRIGGS, Elizabeth. Prosopographical Commentary A.1 Names of Kings and Dukes. In ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, v. III, p. 82.

<sup>40</sup> BRIGGS, Elizabeth. *Religion, society and politics, and the Liber Vitae of Durham*. Leeds, 1987, p. 90.



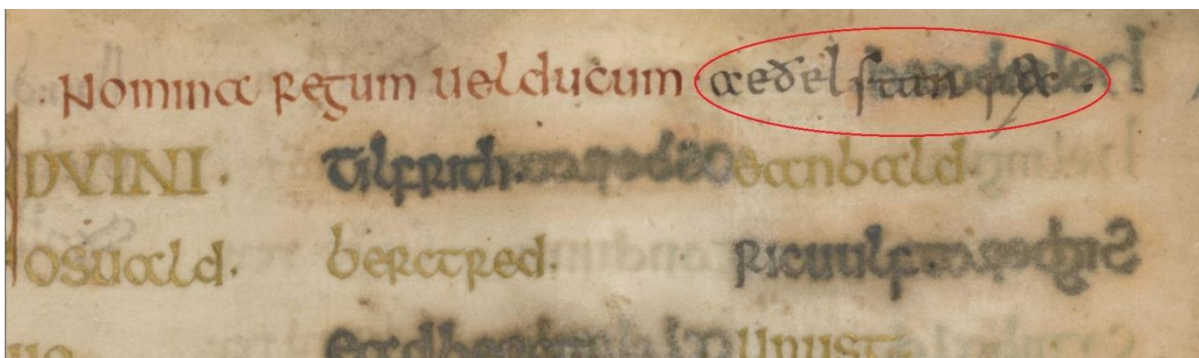


Figura 5 – Nome de Aethelstan (*Aethelstan rex*) em grande destaque no primeiro fólio. Novamente o círculo é apenas recuso didático, não constando no original.

As demais seções do livro encerram com pessoas cujas vidas terminaram antes da de Eanred. O último nome na seção de rainhas e abadessas é Osgeofu (fol.17v (12)), esposa do rei Alhred da Nortúmbria (765-774).<sup>41</sup> A seção dos anacoretas tem poucos nomes identificáveis, e os últimos são Bilfrith (18r1 (6)) e Ecca (18r1 (17)). Ecca aparentemente morreu em 767.<sup>42</sup> Bilfrith possivelmente é o “santo anacoreta” (*sancti [...]* *Bilfridi anachorite*) que teria decorado os Evangelhos de Lindisfarne (*Lindisfarne Gospels*) com ouro e pedras preciosas a pedido de Æthelweald, bispo de Lindisfarne (721-40), escolhido porque, “Era distinto na arte da ourivesaria”.<sup>43</sup> Os diáconos, clérigos e monges presentes nas listas são de identificação extremamente difícil e imprecisa.<sup>44</sup>

O conteúdo do livro (e seus nomes) estabelecem a datação do mesmo para cerca de 840. A compilação que o DLV apresenta é uma representação do que as listas anteriores foram. Ela preserva a forma soletrada dos nomes; porém, não preserva a proporção entre o espaço ocupado pela palavra escrita e a o total de espaço disponível no pergaminho. Sabe-se, por exemplo, que os diferentes fólios que compõem o manuscrito foram cortados por Sir Robert Cotton (1570-1631), quando montava transformou os manuscritos do DLV no livro que agora conhecemos (cujos primeiros fólios não pertencem ao DLV).<sup>45</sup> De qualquer forma, todas as seções que compõem o núcleo original foram pensadas como extensíveis,

<sup>41</sup> EHD no. 187.

<sup>42</sup> Ecca, de acordo com a *Historia Regum*, foi um ermitão em Crayke (York), que teria morrido em 767. BRIGGS, E. A. Original Core. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, v. III, p.84.

<sup>43</sup> *Erat enim aurificii arte precipuus*, ROLLASON, David (trad. e ed.), *Symeon of Durham, Libellus de exordio*, II.12, p. 120-1.

<sup>44</sup> BRIGGS, E. A. op. cit., p.88.

<sup>45</sup> GULLICK, M. The make-up of the Durham Liber Vitae - The Codicology of the Manuscript. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 17; TITE, C.G.C. *The Manuscript Library of Sir Robert Cotton*. Londres: The British Library, 1994, p. 48.

pois muito espaço foi deixado pelo escriba para ser preenchido; da mesma forma, a ausência de uma forma que amarrasse e encerrasse a sessão (permitindo, portanto, que outras páginas fossem adicionadas posteriormente) demonstra um desejo de continuidade e perpetuação daquela comunidade, posta no papel.

A importância dos nomes e do texto, a gramatura do pergaminho (mais grossa e mais resistente que o comum), a proporção entre o que o texto ocupa e o total do pergaminho (com o espaço entre as palavras ajudando na legibilidade das mesmas), o uso de metais preciosos para compor a escrita e uma grafia precisa, caprichosa e metódica sugerem um *scriptorium* sofisticado, e ao mesmo tempo no ajudam a entender a preciosidade deste documento.<sup>46</sup>

Ao estudar o *Liber Vitae* de New Minister, Winchester, Simon Keynes sublinha que os *libri vitae* possuíam uma função litúrgica; ou seja, aqueles nomes ali presentes eram lembrados pelo sacerdote durante o culto.<sup>47</sup> Lynda Rollason também defende que as cerimônias associadas com a dedicação (e realocação) do altar sob o comando de Ecgred seriam um contexto para a produção do DLV.<sup>48</sup> É provável, portanto, que o DLV também usufruísse desta função litúrgica, e os nomes nele inscritos fossem parte dos rituais diários. As pessoas nomeadas ali estariam próximas a um altar (e, portanto, próximas a uma relíquia), seriam parte das rezas diárias (e seriam lembradas por estas), e teriam sua memória preservada e orada. Em outras palavras, estariam expostas a elementos diversos que convergem para a acumulação de sacralidade através do tempo. Passemos, portanto, para a relação da materialidade do DLV com o tempo.

### 3.2 Letras de Ouro

A opção pelos metais preciosos no DLV não é fortuita. Além de representar o consumo luxuoso da elite desta sociedade, o outro possui outra característica fundamental. Em escavações arqueológicas ou em um livro, ele é facilmente avistado e identificado, porque resiste muito a perder seu brilho e sua aparência (conforme as imagens 3, 4 e 5

---

<sup>46</sup> GULLICK, M. The make-up of the Durham Liber Vitae - The Codicology of the Manuscript. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 53

<sup>47</sup> KEYNES, Simon. Liber Vitae of New Minster, Winchester. . In: ROLLASONS, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 151; KEYNES, Simon. Liturgical Commemoration. In: LAPIDGE, Michael et al (eds), *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 291-292.

<sup>48</sup> ROLLASON, History and Codicology. In: ROLLASONS, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 34.

demonstram). A opção por escrever nomes de patronos em uma comunidade utilizando uma substância que é “a prova do tempo” não pode ser interpretada como acidental.

A tradição da crisografia (escrita em ouro) não era desconhecida na Inglaterra Anglo-Saxão, principalmente na Nortúmbria. De acordo com o hagiógrafo Stephanus, Wilfrid ordenou que quatro evangelhos do mais puro ouro fossem escritos em pergaminho de cor arroxeadada (o mais refinado). Também teria ordenado que joalheiros fizessem um invólucro para os livros de puro ouro e o adornassem com pedras preciosas.<sup>49</sup> O epitáfio de Wilfrid também mencionam os quatro evangelhos dourados, alojados em um santuário de ouro.<sup>50</sup>

Da mesma forma, sabemos que esta era uma prática relativamente corrente no continente. Neste, o ouro também é utilizado para demarcar e expressar elementos envoltos em sacralidade, possuindo também uma característica simbólica muito marcante. Um manuscrito conhecido como o Livro dos Salmos de Dagulf (794-795), anuncia que “As Palavras que aqui ressoam são douradas; elas prometem os reinos de ouro e cantam sobre os benefícios perpétuos”<sup>51</sup>. Sabemos também que Alcuíno participou ativamente da corte de Carlos Magno, e enviava regularmente presentes, livros e cartas para Nortúmbria, o que nos permite pensar na influência (mútua ou não) pelas quais estes modelos poderiam passar.<sup>52</sup> Desta forma, é possível que o ouro evocasse imediatamente esta sacralidade. A escolha por este material também diz respeito a quem tem acesso a este livro, que reconhece a importância física, concreta, material e ao mesmo tempo espiritual e ideológica do mesmo.

O brilho do ouro sobrevive e atravessa as rivalidades aristocráticas, mudanças dinásticas, e até mesmo enterramentos. Porém, se os enterros potencialmente formalizam o fim de um ciclo, os *Liber Vitae* iniciam um novo: um círculo virtuoso de orações e memória, de patronato, alianças e de autoridade e legitimidade.

---

<sup>49</sup> STEPHANUS, *Vita Wilfridi*, In: COLGRAVE, Bertrand (ed. e trad.). *The Life of Bishop Wilfrid by Eddius Stephanus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1927.

<sup>50</sup> BEDA, HE, V, 19, p. 528-9.

<sup>51</sup> DÜMLLER, Ernst (ed.), *Poetae latini aevi Karolini*, MGH Poeta Latini 1, Berlin 1881, p. 91-2 apud GAMESON, The script of the original core. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, p. 65. Este manuscrito é conhecido como Vienna, Österreichische Nationalbibliothek, Cod. Vindob. 1861.

<sup>52</sup> STORY, Joanna. *Carolingian Connections – Anglo-Saxon England and Carolingian Francia*, c. 750-870. Aldershot: Ashgate, 2003.

### 3.3 Patronato, Fraternidade e Memorialização no DLV

A quantidade de nomes presentes no “Núcleo Original” do DLV pode ser interpretada como a introdução de nomes no livro não era uma prática tão comum como se tornou em momentos posteriores. Um dos motivos pode ser o tipo de doação feita à comunidade para que fosse possível desfrutar de tal inserção. Nem toda prestação de serviços ou doação ao grupo teria como contra-dom a participação naquela comunidade. Isso se torna mais claro ainda se pensarmos na quantidade de prestação de serviços e rendas que as comunidades camponesas devem ter prestado àquela comunidade, em especial considerando a quantidade de excedentes necessários à produção de um artigo de luxo como o DLV.

A introdução de nomes neste tipo de livros configura o estabelecimento de conexões em um arranjo que poderia ser definido como uma família artificial. Estes arranjos foram posteriormente conhecidos como “fraternidades”. Portanto, aqueles cujos nomes estão presentes nos livros compõem ideologicamente uma fraternidade, uma família (muito embora muitas vezes sejam separados da mesma por séculos ou quilômetros). O principal motivo para ser registrado em tais livros era para ser memorado e celebrado nos ritos de uma determinada comunidade; da mesma forma, não era incomum que comunidades religiosas estabelecessem acordos recíprocos deste gênero, memorando clérigos e clérigas conforme estes faleciam.<sup>53</sup> Desta forma, a comunidade se tornava extensíveis em todas as direções. Seja pela adição de fólhos (como foi o caso no século XI), seja pela adição de nomes aos fólhos já existentes (imagem 6). Desta forma, ideologicamente, Edwin, rei da Nortúmbria entre 616-33 está conectado a Thomas de Hexham, cuja entrada no livro é em cerca de 1417.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> KEYNES, Simon. Liturgical Commemoration. In: LAPIDGE, Michael et al (eds), *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 291.

<sup>54</sup> Fol. 74v4.

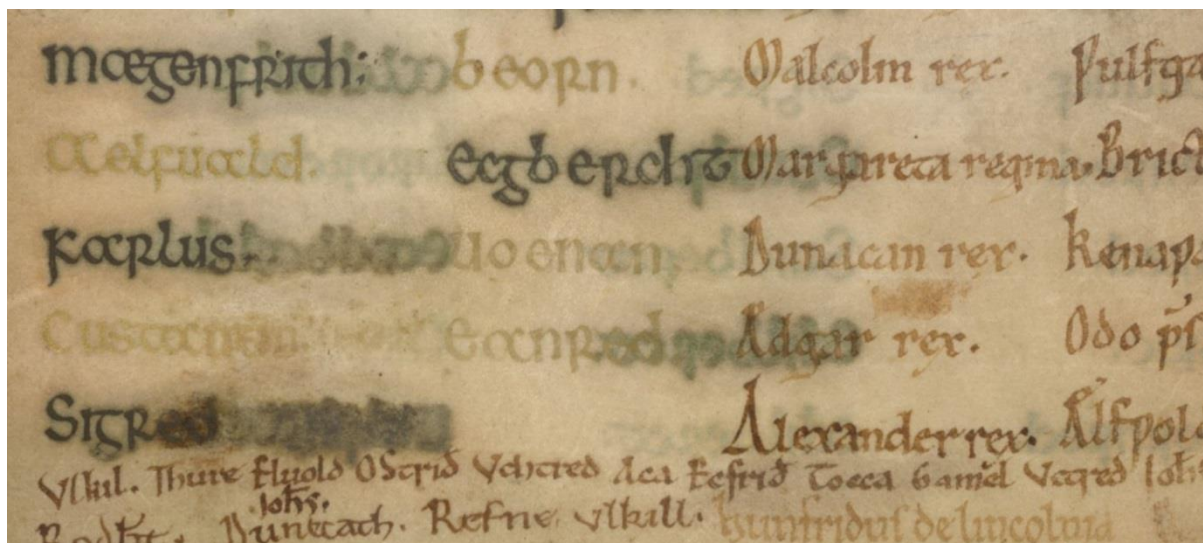


Figure 6 - Diferentes mãos e escribas alocados em uma proximidade que os faz compartilhar uma proximidade ideológica.

Não pretendemos com estas afirmações negar o caráter processual e histórico do documento em questão. Em cada contexto o livro foi ressignificado e ampliado em decorrências de questões contextuais. Porém seu uso contínuo tem outras implicações.

Conforme mencionamos anteriormente, o livro era usado quotidianamente, localizava-se perto do altar (e, portanto, em proximidade com a relíquia de santo ali presente e da emanção de sua energia). Conforme Robert Colls argumenta, o *Liber Vitae* era um livro de recordação que testemunhava como o santo continuava a operar em resposta às orações dos monges, para o bem da alma daqueles ali mencionados.<sup>55</sup> Da mesma forma, Keynes aponta que a celebração diária nos nomes deste livro levaria à inclusão no “Livro da Vida” mencionada no livro do Apocalipse (XX, 12), sendo que este seria aberto apenas no dia do Julgamento Final.<sup>56</sup> Considerando que o livro continuou sendo utilizado por séculos a fio, a quantidade de sacralidade concentrada nele (pela exposição contínua às relíquias e ao acúmulo de orações dos monges) parece impressionante. Da mesma forma, ajuda a entender seu uso contínuo por tanto tempo e o desejo de ser incluído no mesmo.

Exemplificando como esta associação era desejada inclusive por não-Nortúmbrios, podemos identificar na imagem 6 dois francos. O primeiro nome da coluna da esquerda, na parte superior, escrito em prata é Magenfrith, que ocupava o cargo de tesoureiro do terceiro nome da mesma coluna, também em prata, Karlus, mais conhecido como Carlos

<sup>55</sup> COLLS, Robert. *Northumbria: History and Identity. 547-2000*, Chichester: The History Press, 2007, p. 81.

<sup>56</sup> KEYNES, Simon. Liturgical Commemoration. In: LAPIDGE, Michael et al (eds), *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 292.

Magno.<sup>57</sup> A inserção do nome do tesoureiro de Carlos Magno é um forte indício de que a inserção destes nomes se deu a partir da doação de algum dom (de qualidade excepcional) e muito provavelmente está ligada a redistribuição do tesouro dos Ávaros.<sup>58</sup>

A representação de alguém do porte de Carlos Magno sob o mesmo grupo de seu tesoureiro e de alguns reis Nortúmbrios (e outros que eram apenas nobres) é algo digno de nota. Primeiramente, ela evidencia que esta é uma etiqueta reservada à alta aristocracia masculina (reis e duques), e não específica em qual dos dois títulos cada pessoa se enquadraria. Em segundo lugar, ela possui uma expressão ambígua: ao mesmo tempo pode indicar que estas pessoas eram conhecidas o suficiente para que esta distinção não fosse necessária ou que a barreira entre a realeza e aqueles que aspiram a ela não era tão clara. De qualquer forma, abordar esta questão extrapolaria os objetivos deste artigo. Mais importante, contudo é entender e revelar uma interpretação nortúmbria desta hierarquia social, que tenta equalizar pessoas como duques locais e Carlos Magno.

### **3.4 As conexões presentes nos fólhos**

A posição que as palavras ocupam no suporte material do texto também são fundamentais. Podemos perceber alguns padrões no que tange à forma como determinadas pessoas são apresentadas. Podemos observar, por exemplo, dois grupos de reis.<sup>59</sup> Para entender melhor o que a disposição espacial dos nomes no pergaminho pode significar, será indicado um breve estudo de caso: Oslaf.<sup>60</sup>

Oslaf está alocado com pessoas que teriam participado da batalha do Rio Trent no ano 679, quando Ecgfrith da Nortúmbria combateu Aethelred da Mércia.<sup>61</sup> Briggs reconhece Oslaf como um Nortúmbrio, possivelmente o irmão mais novo dos reis Oswaldo e Oswiu, cujos nomes figuram no ano de 617 na CAS.<sup>62</sup> Gerchow, por outro lado, identifica

---

<sup>57</sup> Fol 15v1 (17) e Fol 15v1 (19).

<sup>58</sup> STORY, Joanna. *Carolingian Connections – Anglo-Saxon England and Carolingian Francia*, c. 750-870. Aldershot: Ashgate, 2003, p. 101-104.

<sup>59</sup> *Edvini, Osuald and Osuio* são o primeiro grupo, Fol. 15r1 (1-3); *Alfrith, Alduini, Eadulf, Coenred, Osred e Osríc* o segundo, fol. 15r1 (14-18).

<sup>60</sup> Fol. 15r1 (8).

<sup>61</sup> GERCHOW, Jan. The origins of the Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p. 59.

<sup>62</sup> ASC (E), 617 BRIGGS, Elizabeth. Nothing but Names: The Original Core of the Durham Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, p.74. n.77.

Oslaf como um combatente do lado da Mércia.<sup>63</sup> A identificação de Briggs é especulativa, uma vez que Oslaf é um nome comum e não há evidências sólidas que liguem o Oslaf presente na CAS ao do DLV.<sup>64</sup> Também é improvável por questões cronológicas: o exílio fora imposto em 617 e a batalha ocorrido em 679, com sessenta e dois anos de diferença. E se o DLV também contém agrupamentos no seu interior (conforme estamos demonstrando), porque ele estaria próximo a Aethelred se ele fora seu inimigo?<sup>65</sup>

Sendo Oslaf da Mércia e um guerreiro do rei Aethelred, este estaria inserido entre dois de seus seguidores: Oslaf acima e Æthelbeorht abaixo dele.<sup>66</sup> A proximidade com a realeza exprime ao mesmo tempo prestígio e *status*, tanto na prática social quotidiana quanto na sua representação ideológica (como é o caso no DLV). Um homem também chamado Oslaf é mencionado em uma carta, onde é nomeado *Oslauuo, minister* de Aethelred, *rex Merciorum* (rei dos Mércios).<sup>67</sup> Apesar da autenticidade desta carta ter sido debatida (pois provavelmente foi forjada no século XI), a sua qualidade em reproduzir o material típico do século VIII é tamanha que ela provavelmente foi feita utilizando uma versão do século VIII.<sup>68</sup>

A introdução de pessoas que foram inimigas da Batalha do Rio Trent teria correspondido a um tratado de paz (*feodora pacis*) entre os Nortúmbrios e os Mércios, e esta paz teria sido possibilidade pelo envolvimento do Arcebispo Teodoro. Este episódio é narrado por Beda.<sup>69</sup> Este tratado teria sido firmado durante o enlutamento por Aelfwine, que era irmão do rei na Nortúmbria (Ecgríth) e cunhado do rei da Mércia (Aethelred). De acordo com Gerchow, a lista conecta pessoas que eram outrora adversários os unindo pela paz.<sup>70</sup> Gerchow não explicita, mas é razoável pensar que as pessoas que estavam próximas na listagem era pessoas que estavam próximas na vida real, e seus laços foram projetados no pergaminho.

---

<sup>63</sup> GERCHOW, Jan. op. cit., p. 59,

<sup>64</sup> ASC (E), s.a.617; Fol. 15r1 (8).

<sup>65</sup> Fol. 15r1 (9).

<sup>66</sup> Fol 15r1 (10).

<sup>67</sup> S75: 'Æthelred, king of Mercia, to Oslaf, his former minister and now a servant of God at Worcester; grant of 10 hides (manentes) at Wychbold', *Electronic Sawyer*, <http://www.esawyer.org.uk/charter/75.html#>

<sup>68</sup> WILLIAMS, A. The Spoliation of Worcester, *Anglo-Norman Studies*, n. 19, 1997, p. 383-408; SCHARER, A. *Die angelsächsische Königsurkunde im 7. und 8. Jahrhundert*. Vienna, Cologne, and Graz, 1982, p. 150-152. quoted in *Electronic Sawyer*, <http://www.esawyer.org.uk/charter/75.html#>

<sup>69</sup> BEDA, HE, IV, 19, pp. 400-401.

<sup>70</sup> GERCHOW, Jan. The origins of the Liber Vitae. In: ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridge: Boydell Press, 2004, p.59

Oslaf é um nome composto pelas palavras “Os” (indicando divindade ou uma essência de algo divino) e “Laf” (sobra, relíquia ou lembrança).<sup>71</sup> Apesar da segunda parte do nome ser difícil de precisar, “os” é uma partícula comum em nomes nobres anglo-saxões, especialmente na Nortúmbria.<sup>72</sup> Oslaf não era da Nortúmbria, mas sua classe social o permitiu ser parte de uma comunidade muito seleta (DLV); a elite da Nortúmbria via em Oslaf um equivalente. A comunidade em torno do DLV ao mesmo tempo requisita seu prestígio e devolve orações e sacralidade (e memorialização) ao seu nome em contrapartida, retribuindo seu status também. Desta forma, o *Liber Vitae* também cria uma rede de prestígio, adquirindo e projetando conexões de alto status ao mesmo tempo.

O tratado de paz possivelmente é a razão pela qual pessoas como Oslaf foram registradas no *Liber Vitae*. No século XI, quando o livro foi retomado e continuado, é provável que este conflito tenha passado despercebido ou que tenha sido ignorado. Esta falta de interesse se deu justamente porque a estratégia era de aliança e continuação, uma vez que durante o contexto da Reforma Beneditina aquela comunidade pretendia estabelecer sua continuidade e legitimidade a partir do passado Anglo-Saxão a partir do culto de São Cuteberto.<sup>73</sup> Desta forma, a aparente serenidade que uma simples lista de nomes possui também pode ter sido um dos motivos pelos quais ela foi preservada: sua explícita uniformidade nubla os conflitos e tensões ali presentes (apaziguados ou não).

O acordo de paz narrado por Beda envolveu os dois reis e o Arcebispo da Cantuária (Teodoro de Tarso), e a saída acordada para a paz teria sido apenas o pagamento do *wergeld* respectivo ao irmão do rei.<sup>74</sup> Considerando as formas apresentadas que a palavra escrita assume com as performances e os rituais de poder no nosso contexto, não seria difícil imaginar que o acordo de paz contou com uma lista dos participantes e testemunhas, e que esta lista tivesse sido depositada no local do encontro e acordo (York). A partir daí ela poderia ter sido copiada ou mesmo circulado.

---

<sup>71</sup> BOSWAORTH, J. TELLER, A. *A Dictionary of Old English*. Oxford: Oxford University Press, 1898, p. 614, 768.

<sup>72</sup> PASE registra 48 nomes com a utilização de ‘os’. PASE, [http://www.pase.ac.uk/pdb?dosp=ADD\\_STRING\\_CONSTRAINT&value=-1&level=4&st=PERSON\\_NAME&cs=Os](http://www.pase.ac.uk/pdb?dosp=ADD_STRING_CONSTRAINT&value=-1&level=4&st=PERSON_NAME&cs=Os)

<sup>73</sup> ROLLASON, David, ROLLASON, Lynda (eds.). *The Durham Liber Vitae and its Context*. Woodbridg: Boydell Press, 2004, v. 3, p. 16.

<sup>74</sup> [...] *adeo ut, pacatis alterutrum regibus ac populis nullius anima hominis pro interfecto regis frater sed debita solummodo multa pecuniae regi ultori daretur*. Beda, H.E., IV, 21, pp. 400-401.



Seja como for, parte das pessoas envolvidas no pacto estão no DLV, que, além de celebrar estes laços de amizade e aliança, também servem como depositários de pactos e acordos de paz.

#### **4. Conclusão**

As formas pelas quais a palavra escrita e as narrativas são construídas e reproduzidas no mundo anglo-saxônico estão longe de serem simples. Para além da análise puramente textual, é necessário pensar em como os gêneros nos quais se inserem se constituem, se subdividem, se formam a partir de outro sem nunca os excluir. Indispensável criticá-las e apreendê-las a partir do peso da oralidade, do suporte material da escrita, do seu papel junto as performances e ritos de poder, e do quanto podemos extrair a partir de uma apresentação que é simples na sua superfície, mas que com o aparato crítico adequado pode revelar tensões, conflitos e relações não visíveis em uma primeira abordagem.

Como exemplo, muito além de uma simples lista de nomes, o DLV e seu “núcleo original” é um espelho ideológico para a aristocracia da Nortúmbria no século IX, e um reservatório fecundo de informações sobre o “longo século VIII”. É também uma demonstração de status, riqueza, privilégio e poder. Para os historiadores, é uma janela através da qual podemos perceber as projeções ideológicas desta elite através do espaço e do tempo. O “Livro da Vida” é um *hub* a partir do qual as pessoas do passado se conectavam com outras em diversas direções e sentidos, criando (ideologicamente) uma comunidade diferenciada, com uma identidade própria, mas que preserva e reproduz *ad aeternum* sua estratificação.

Revelar e recuperar as relações que são sublimadas em anuários, listas, cartas, trazê-las à tona para escrutinar as relações deste período e como determinados grupos sociais se produzem e reproduzem é essencial para que possamos apreender e avançar na compreensão em uma compreensão efetivo do período. Quanto menos palavras, nomes, mais a crítica se faz necessária.